

Eunice Pontes

ORDEM VS EM PORTUGUÊS: UMA TENTATIVA DE EXPLANAÇÃO¹

RESUMO

Neste texto, apresento uma tentativa de explanação para o fenômeno da ordem VS em português, que procurei descrever em um trabalho anterior (Pontes (1982)). Proponho primeiro uma explicação funcional, baseada nas propostas de Givón para outras línguas e, em seguida, investigo a hipótese, formulada por esse autor, de que a ordem VS seria mais antiga nas línguas românicas.

ABSTRACT

This essay is an attempt to explain the VS order in Portuguese, which has been previously described by me (Pontes (1982)). A functional explanation is formulated on the basis of Givón's theories, followed by a discussion of the hypothesis, which he has presented, that the VS order is older than the SV order in the Romance languages.

Examinando-se a lista de regras que a Gramática tradicional aponta para a colocação do sujeito no final, tem-se a impressão de que são um grupo de regras que não têm nada a ver umas com as outras.

A tarefa do lingüista, como de todo cientista, é buscar as generalizações que estão por trás de fatos aparentemente desconexos:

Explicar, establecer cierta relación de dependencia entre proposiciones aparentemente desvinculadas, poner de manifiesto sistemáticamente conexiones entre temas de información variados: tales son las características distintivas de la investigación científica. (Nagel, 1974:18)

1. Generalizações

A primeira generalização a respeito da ordem VS é que ela pode ocorrer nos ambientes em que não seja necessário recorrer à ordem SVO para distinguir sujeito de objeto, como dissemos no início deste trabalho. Daí ela ser mais encontrada com verbos intransitivos.

Outra generalização é que a ordem VS, como ensina a gramática, ocorre em orações interrogativas, exclamativas, optativas, relativas, existenciais, reduzidas de particípio, gerúndio, infinito, ou seja, orações que de alguma maneira diferem da oração declarativa neutra, afirmativa, ativa. Os gramáticos assinalaram este fato. Tanto Cunha (1976) como Thomas (1969) dizem expressamente que a ordem SVO é a das orações declarativas, que eles consideram como básicas². Arlene Berman, ao discordar de Mc Cawley (1971) que quis demonstrar que o inglês era basicamente VSO baseado no argumento da simplicidade das transformações necessárias para gerar as orações do inglês, diz o seguinte:

The problem is not that having SF (subject first) as well as the various inversion rules complicates the grammar

In terms of rule count. One reason for setting up SVO structures and producing inverted patterns transformationally was that, intuitively, it was felt that VS constructions were in some way "marked", deviant from the norm. With the possible exception of yes - no questions, all cases of VS order are dependent on other transformations (Wh-fronting, Adverb Preposing, etc) having applied. In other words, the inversion rules are secondary processes, optional and/or obligatory under differing circumstances [1974:404].

Givón (1979) considera que a intuição dos gramáticos tradicionais e gerativistas está correta, e tenta justificá-la mostrando que a oração declarativa afirmativa, ativa, neutra, é a menos marcada nas línguas, sob vários aspectos. Segundo ele, ela é "menos pressuposicional", definindo complexidade pressuposicional como "o grau de dificuldade que o falante pensa que o ouvinte terá para atribuir referência única a um argumento no discurso." (p.49)³

Ele estabelece uma escala de pressuposicionalidade, pela qual a mais marcada é a oração interrogativa com pronome interrogativo. Em seguida vêm as orações interrogativas com pronome, as truncadas, as pseudo-truncadas, as relativas e as interrogativas simples⁴. As variantes mais pressuposicionais

apresentam maior complexidade sintática, exibem maiores restrições distribucionais, são gramaticalizadas mais tarde pelas crianças e tendem a exibir conservadorismo sintático, mais comumente na área da ordem das palavras. (p. 49)

Outra justificativa, segundo ele, para considerar a oração declarativa como básica é que ela é a mais freqüente no discurso.

A segunda generalização que podemos fazer, portanto, a respeito da ordem VS em Português é que ela ocorre em orações marcadas, ou seja, não-declarativas, ativas, afirmativas, neutras.

Ainda é possível depreender uma outra generalização: é que, como os gramáticos observaram, a ordem VS costuma ser concomitante com a topicalização de algum elemento da S que não o sujeito: quando o predicativo, ou o objeto, ou um adjunto adverbial vai para a primeira posição da sentença, o sujeito vai para o final. Creio que se pode considerar também como casos de topicalização as interrogativas e relativas que começam com pronomes não sujeitos. Givón observou esta concomitância da topicalização com VS também em outras línguas:

the left-fronting (topic-shifting) of a non-subject constituent, be it an object or adverb-phrase, precipitates VS syntax, which should be viewed as a consequence of lowering the relative topicality of the subject via making another constituent more topical (1977:192)

Assim ele define topicalidade relativa:

Relative topicality should be equated, roughly, with the degree to which a constituent of a proposition is or is not the focus of "new information". "More topical" is then "less new information". (1977:244)

2. Explicação funcional

Givón tenta, portanto, chegar a uma explanação do fenômeno VS a partir de propriedades do discurso. Para ele, "a sintaxe não pode ser explicada sem referência a seu uso na comunicação." (1979:49)

Esse tipo de explicação, embora tenha sido desprezado pelos gramáticos gerativos, que pareciam acreditar que o único modo de explicação científica era o dedutivo, é, assim como o histórico, perfeitamente válido. O filósofo da ciência Ernest Nagel considera válidos quatro modelos de explicação científica: o dedutivo, o probabilístico, o funcional ou teleológico e o genético ou histórico. O primeiro é mais comum nas ciências naturais, o

terceiro nas ciências biológicas e humanas, o quarto nas ciências históricas. Um exemplo de explicação histórica que ele dá é um exemplo lingüístico: "por que o inglês tem tantas palavras de origem latina?" Depois da ênfase que os gerativistas deram à explicação dedutiva, desacostumamo-nos a pensar na história como um tipo de explicação científica. Nagel (1974:34) defende também as explicações probabilísticas como sendo às vezes as únicas explicações a que se pode chegar em determinados campos.

Givón usa sobretudo a explicação funcional (apelando para a função da linguagem, de comunicação) e a histórica. Ele afirma: "all other things being equal, environment in which the subject is of low relative topicality will tend to remain VS longer, and thus exhibit more conservative syntax along this continuum" (1977:238).

Essencialmente, Givón tenta explicar a ordem VS como ocorrendo em ambientes em que o sujeito é a informação nova. Esta explicação coincide com o ensinamento da Escola de Praga. Firbas acredita que o "dinamismo comunicativo" aumenta em relação ao final da S:

Sentence linearity is an indisputable fact. It makes the speaker/writer arrange the linguistic elements in a linear sequence, in a line, and develop the discourse step by step. I believe to be right in assuming that the most natural way of such gradual development is to begin at the beginning and proceed in steady progression, by degrees, towards the fulfillment of the discourse. If this assumption is correct, then a sequence showing a gradual rise in degrees of CD (i.e., starting with the lowest degree and gradually passing on to the highest degree) can be regarded as displaying the basic distribution of CD. (1971: 138)

Bolinger expressa ponto de vista semelhante:

yet we see the same principle at work: that which is presupposed, but needs to be stated in order to clarify or remind, precedes; that which is new, unexpected, informative and contrastive follows. The "point" of the utterance is toward the end. (1954:48)

Este era o ponto de vista de Mattoso Câmara Jr. com relação à colocação do sujeito no final:

Há um princípio básico, que consiste em atribuir ao último termo do enunciado o máximo valor informativo. Note-se, por exemplo, as diferenças de informação entre as seguintes colocações diferentes para uma mesma frase: a) eu saio às três horas (a que horas?); b) às três horas eu saio (que faço?!); c) às três horas saio eu (quem sai?). (1976:250)

Pode-se constatar a validade desta doutrina comparando-se os exemplos seguintes:

Mentiroso é ele!

Mentiroso ele é.

Ele é mentiroso.

Parece-me que fica muito claro nos dois primeiros exemplos, em que mentiroso vem no início da S, que já se deve ter falado antes esta palavra, ou seja, mentiroso é tópico, é dado. Também me parece evidente que ele no final do primeiro exemplo é a informação nova. Poderíamos continuar essa S do seguinte modo: Mentiroso é ele, não eu. Já a segunda seria diferente: Mentiroso ele é, mas não é invejoso. Quanto ao terceiro exemplo, mentiroso é novo, não se pressupõe que foi falado antes. O que é dado é ele, do mesmo modo que na segunda. É importante notar que a única ocasião em que ele, um pronome pessoal, é novo, é na posição final.

Givón discute esses fenômenos do discurso e estabelece uma hierarquia das estratégias de continuidade do tópico. Para ele,

nós construímos o discurso

by stringing together chains of proposition/clauses that (a) comprise the same theme, and (b) tend to repeat the same participant/topic over a stretch of clauses, whereby that recurring topic tends to be construed as the main clausal topic. Topic continuity - or topic predictability - is thus the unmarked case in human discourse. On the other hand, topic change - discontinuity, surprise - is the marked case in discourse. (1981:5)

Sua esala decrescente de continuidade é: anãfora zero; pronomes presos/não acentuados ou concordância gramatical; pronomes acentuados/independentes; SN definido deslocado para a direita; SN definido simples; SN definido deslocado para a esquerda; movimento de Y/topicalização contrastiva; construções de foco/truncadas (p.7).

Como estratégias de descontinuidade, ele alista (sem ordem): modificadores restritivos de um SN; variação de ordem VS/SV ou OV/VO; orações passivas X ativas; orações subordinadas X principais; orações finitas X não-finitas, participiais, nominalizadas; SNs indefinidos, construções existenciais - apresentativas.

Note-se que, em Português, as orações em que ocorre a ordem VS coincidem com as que Givón alista como estratégias de descontinuidade. Vimos, ao analisar textos de língua escrita e oral, (cf. Pontes, 1982) que as idéias de Givón se confirmaram, pois as estratégias de continuidade são a norma (o não-marcado) e as de descontinuidade a exceção (o marcado).

Para ilustrar um pouco mais essa explicação funcional, quero dar um exemplo tirado de um diálogo gravado, em que se vê bem como o SN indefinido, novo, é introduzido no discurso através de VS e como se constata a função "apresentacional" do verbo:

Eu tava... M. tava no nosso time, ele na rede; M. também. Veio uma bola mais de dois palmos do nosso lado. M. pegou e não sei se foi com manchete ou o que que foi, pegou a bola aqui e jogou prá cima...

Aqui, vê-se como o SN uma bola (indefinido) é introduzido no texto através de VS e depois passa a ser o tópico de várias sentenças. Eu não transcrevi todas as Ss, mas a bola continuou sendo ainda repetida (a repetição do SN é evidentemente uma estratégia de continuidade de tópico) por várias Ss seguintes.

Segundo Contreras (1976) os verbos "apresentativos" foram extensamente estudados por Hatcher (1956) "que os divide em categorias como as seguintes": a) existência-presença (viver, habitar, abundar); b) ausência (faltar, sobrar); c) começar; d) continuar, permanecer; e) produzir (nascer, brotar), f) ocorrência (ocorrer, acontecer, passar); g) aparecer (chegar); h) vir, chegar (p.53-54). Sua função é "to introduce the patient, to present it, so to say, to the addressee's consciousness". (p. 54)

Robert Hetzron (1975: 376) acha que "existe uma tendência nas línguas para colocar em posição final elementos que o falante deseja manter à mão para referência posterior". Ele chama essa tendência universal de movimento apresentativo. Eu acho que o fundamental, o constante nos exemplos estudados, é a novidade do SN em posição final, independentemente de ser ou não usado posteriormente. Por exemplo, em observações ocasionais, encontrei vários exemplos de construção VS com verbos do tipo existencial-apresentativo (como em "Sumiu minha escova!", "Caiu uma mosca na minha sopa!") sendo que não se continuou depois a falar desses elementos. O constante foi o fato deles serem mencionados pela primeira vez. Outra observação foi a intuição de

que de algum modo o verbo parece ter um relevo especial em certos casos. Quando o verbo vem no início da sentença, seguido de um SN indefinido, às vezes o falante sente que o mais importante é o verbo e que o SN que se segue é secundário. Susan Steele (1975) acha que há duas forças em jogo na sentença, relacionadas com as noções de primazia (precede) e comando de Langacker. A noção de primazia explicaria a importância da primeira posição na sentença. A noção de comando estaria ligada à centralidade do verbo, que atrai elementos para si (como os modais). As sentenças em que os falantes sentem a maior importância do verbo parecem ser aquelas em que o verbo ocorre no início da S, não havendo elementos topicalizados. É possível, inclusive, que o verbo receba nesses casos um acento especial, que lhe dá um destaque maior. Mattoso Câmara Jr. considera que "a anteposição do verbo tem um valor estilístico muito nítido, que consiste na melhor focalização da ação verbal como tema da comunicação." (1976:252)

3. A explicação histórica

Resta examinar a explicação histórica. Givón (1977, 1979) considera que a ordem VS é mais antiga nas línguas que ele estudou e diz textualmente sobre as línguas românicas:

I think there is an excellent possibility that Romance has gone through a stage of... VS... syntax, the strong mark of which remains to this day in Spanish, Portuguese, Italian and Romanian. (1977: 249)

Esta hipótese estaria dentro da sua teoria de que

the major mechanism for word-order change involves the "downward" reevaluation of more marked pragmatic word

orders involved in various topic-focus operations, so that eventually they are re-interpreted as the neutral pattern. (1979: 83)

Para ele, o que desencadeia a passagem de VS para SV é a maior topicalidade do sujeito. Ou seja, quando o sujeito é menos tópico do que qualquer outro elemento (mais novo) ele tende a ir para o fim, mas se ele é mais tópico ele vai para o começo. Daí Givón acreditar que o sujeito se origina do tópico. Creio que se pode ver isso acontecendo hoje em Português, em orações que discuti em dois artigos precedentes (1980, 1981).

Em orações do tipo de "Essa casa bate bastante sol", "A Belina cabe muita gente", "O rádio estragou o ponteiro", pode-se assistir, atualmente, a uma reavaliação do tópico como sujeito e da frase como SVO: elas funcionam como se o primeiro SN fosse sujeito (pois há concordância) e o último fosse objeto⁵. Semanticamente, "essa casa", "a Belina" e "o rádio" não são agentes, nem o verbo é de ação, nem os SNs pós-verbais são pacientes de nenhuma ação. Essas orações correspondem a outras, em que a ordem é VS:

Bate bastante sol nessa casa.

Cabe muita gente na Belina.

Estragou o ponteiro do rádio.

Se tomarmos as Ss acima como básicas (elas são sentidas como tais por alguns falantes), consideraremos que os adjuntos adverbiais e o adjunto adnominal foram "alçados" para a posição de tópico e daí passaram a ser considerados como sujeitos (pode-se ter: Essas casas batem bastante sol, Os carros cabem muitas pessoas, Os rádios estragaram os ponteiros) e a frase como SVO.

Isso é justamente o que Givõn ensina.

Para verificar a hipótese de Givõn, de que a ordem VS seria mais antiga nas línguas românicas, pesquisei o assunto nos livros de Gramática Histórica Portuguesa. Não encontrei esclarecimento a respeito nessas obras, que em sua totalidade tratam da Fonética ou da Morfologia, mas praticamente não tocam em Sintaxe (examinei as obras de J. J. Nunes, Leite de Vasconcellos, Carolina Michaelis e Serafim da Silva Neto, arroladas na bibliografia). Também em obras que tratam do Latim é difícil encontrar referência à ordem das palavras. Nem mesmo a Sintaxe Latina de Mariano Bassols de Climent (2 tomos) trata especificamente deste assunto. Encontrei uma referência histórica sobre a ordem VS no que se refere ao infinitivo dependente de verbos causativos, em Maurer Jr.:

Na língua antiga o infinito precede, com raras exceções, o substantivo a que se prende (e.g. vi chegar um estrangeiro). Nesse caso, mesmo a língua moderna usa normalmente o infinito invariável - já o vimos. O infinito posto ao substantivo é bem mais raro, mas também aí só conseguimos documentar a forma invariável. (1958:58)

Maurer Jr. dá, em seguida, exemplos de infinitivo com o sujeito anteposto, tirados do Livro de Linhagens, da Demanda do Santo Graal e de outros textos medievais, em que o infinito se mantém sem flexão, o que é a norma nesses textos. Segundo ele, é em Camões que se encontra o infinito flexionado mais vezes (com sujeito anteposto, em geral), mas mesmo aí é comum ele vir sem flexão (p. 59ss.).

Em outra parte do livro, o autor relembra:

Não se esqueça que neste emprego da forma flexionada temos um uso da língua moderna. Na língua antiga o subs-

tantão raramente vinha anteposto ao infinito, mas mesmo aí se emprega normalmente a forma invariável.(p.174)

Segundo ele, a anteposição do sujeito se encontra mais ou menos esporadicamente nos clássicos antigos (p.175). Há uma relação entre o infinito flexionado e a anteposição do SN: pelo que diz o autor, a anteposição precedeu a flexão do verbo. Ele diz textualmente:

A generalização do infinito flexionado resulta naturalmente dessa posição nova do substantivo, que, anteposto ao infinito, tende a ser sentido como o seu verdadeiro sujeito, determinando a concordância estabelecida entre a forma verbal e o substantivo a que se prende. (p. 175)

Parece-me que esta evolução do infinito flexionado documentada por Maurer Jr. vem confirmar também a hipótese de Givón: à medida que o SN, que originariamente vinha depois do verbo no infinito, passou à posição de tópico, ou seja, aumentou sua topicalidade relativa, ele passou a ser sentido como sujeito e o verbo veio a concordar com ele.

Já Epiphânio Dias nos dá uma informação que parece conflitar com a de Maurer Jr.. Ele nos diz que a colocação posposta do sujeito no caso do particípio absoluto é que é moderna: "Esta regra é do português moderno... anteriormente o sujeito antepunha-se ou pospunha-se indiferentemente..."(1959:312)

Fica a pergunta: se ambos estiverem corretos, qual é a explicação para estes fatos? Teria a posição do sujeito em relação ao infinito tido uma evolução diferente da do particípio?

O único autor da língua portuguesa em que encontrei referência mais extensa em relação à ordem VS foi Silveira Bueno. Ele dedica um capítulo em sua obra A Formação histórica da língua

portuguesa (1958) ã "ordem das palavras na frase" e afirma.

A prosa arcaica, porque mais próxima dos modelos latinos, apresenta muitas inversões, preferindo a ordem indireta. Não são o verbo termina a frase, como também os adjetivos, na sua maioria, precedem ao substantivo. (p. 223)

Pelo uso de colocar o verbo no final da frase são numerosas as inversões, os deslocamentos do sujeito e do objeto direto. Não obstante isso, temos também verbo, sujeito, complemento, quando não verbo, complemento, sujeito. Nas narrativas da "Vida de S. Nicolu", do século XIV, ou na "Vida de Santa Pelgia", da mesma época, são frequentes frases como estas: "Foron-se os monges aa cidade de Mirra (verbo, sujeito, complemento), "quando lhi a ventura contraron" (complemento, indireto, direto, predicado." (p.225)

O mais importante, penso eu, dos ensinamentos de Silveira Bueno, é que ele toma cada um dos casos arrolados pelos gramáticos como de posposição do sujeito, ou seja, orações gerundiais e participiais, intercaladas, interrogativas, e estilo narrativo - e afirma que a posposição do sujeito foi fixada pela língua clássica. Antes encontravam-se as duas possibilidades. No caso particular do particípio, sua doutrina vem coincidir com a de Epiphnio, que vimos anteriormente.

Seu exemplo de oração gerundial na língua arcaica é interessante, porque coincide com o que encontramos hoje na língua oral: "Eles indo assim, seus companheiros... ouviron...".

Também o exemplo arcaico para a oração intercalada pode-se ouvir hoje: "O filho lhe disse: madre..."

Quanto às orações interrogativas, diz ele que já se encontra VS na poesia arcaica. Gil Vicente, na transição clássica, usa VS na interrogativa: "Onde se criou tal flor?" Mas quando procura reproduzir a fala do povo, já não faz a posposição, que era

de cunho literário: "O nosso hortelão não vem?" "E se vós morreis?" "Esta dama onde mora?"

O problema com os exemplos arrolados por Bueno é que muitos têm pronome, que obrigatoriamente antepõe-se ao verbo. Além disso, neste último exemplo o autor não notou (como outros também não notaram) que há uma topicalização. Se se tratasse simplesmente de sujeito anteposto ao verbo, a S seria: "Onde esta dama mora?".

O autor faz outras duas observações importantes: que, no Brasil, mesmo na literatura, já não se observa esta ordem dos clássicos e que na língua falada a posposição do sujeito cheira a hipercorreção.

Quanto à primeira afirmação, creio que minha pesquisa mostra o contrário: pelo menos em uma revista de boa circulação e em dois autores conceituados (um em prosa, outro em poesia), as regras dos gramáticos são seguidas. Concordo com ele em que é possível encontrar também a anteposição nesses casos, mas foi frequente a posposição.

Quanto à segunda afirmação, minha pesquisa demonstrou que a posposição do sujeito é menos frequente na língua oral do que na escrita.

Em resumo, Silveira Bueno mostra que ambas as colocações existiam na língua arcaica. Que as regras de posposição do sujeito tal como se encontram nas gramáticas só foram fixadas a partir dos clássicos. Sua observação a respeito de Gil Vicente e seus exemplos de língua arcaica parecem apontar para uma maior semelhança entre a língua oral de hoje e a língua oral arcaica. Acho que Bueno apontou na direção certa: as regras de VS nas

gramáticas são, desde os clássicos, baseadas na língua literária. A dificuldade em se ter uma idéia da situação arcaica é que Bueno sempre afirma que a anteposição também existia, em todos estes casos, na língua arcaica, mas não apresenta dados de frequência. Ele considera que havia flutuação, mas haveria preponderância de SV sobre VS? O quadro que ele pinta é pouco claro.

Não vou aprofundar esta questão histórica, porque teria de fazer outro trabalho. Examinei um dos documentos mais antigos da língua portuguesa, o testamento de D. Afonso II, do século XIII, que foi transcrito por Leite de Vasconcellos (1926) e considerado por ele como refletindo melhor a língua quotidiana do que as poesias dos Cancioneiros (cheias de provençalismos). Carolina Michaelis de Vasconcelos (1946) considera que este documento é superior aos precedentes em estilo e correção, e que a língua nele contida é a portuguesa, com algumas formas de latim bárbaro. Neste documento, a maioria esmagadora de sentenças é SV. Encontrei apenas um exemplo de VS (o documento é bem extenso, tem 110 linhas):

"e as duas partes agiã meus filios e mias filias,"(p.69)

Mesmo um infinitivo passivo, dependente de causativo, tem o sujeito anteposto:

"faza aquesta mia mada seer cõprida." (p.70)

Encontrei inversões em dois outros textos do mesmo livro, uma poesia de Paay Soares (do Cancioneiro de Collocci-Brancuti, sec. XII - XIV] e uma poesia de D. Denis (Cancioneiro do Vaticano).

Na primeira encontrei:

"Ay mha senhor, assi moir'eu!" (p.107)

"Como morreu quem foi amar." (id.)

Na segunda:

"Quer eu en maneira de Provençal

fazer agora hum cantar d'amor."

"Ca mha senhor quisu Deus fazer tal,

e por esto non sey oi'eu quen"(p.110)

Estes exemplos, porém, são de poesia e tanto Leite de Vasconcellos como Carolina Michaelis advertem que não refletem tão bem a língua portuguesa quanto o texto em prosa. Pelo testamento, pode-se deduzir que a ordem SV estava bem estabelecida no Português arcaico.

Pelo que posso entender dessas informações um pouco escasas, a ordem SV tem sido a norma do Português desde os primórdios e a ordem VS é provável que tenha sido sempre a marcada. Estudos de outros textos do português arcaico são necessários para que se possa ter uma certeza maior.

Em relação ao Latim, foi Bourciez quem me forneceu esclarecimentos interessantes. A respeito da "fase romana primitiva" do Latim, eis o que ele diz quanto à ordem das palavras:

Dans la phrase verbale, il s'est avant tout produit un changement de l'ordre des termes, qui s'annonçait dès la fin de la période impériale [...]. Tandis qu'en latin le terme complet ne venait ordinairement que le second (ce qui est un ordre synthétique), il tendit ensuite à prendre la première place (cf. Petri liber devenant liber de Petri, § 109 a). De l'ordre du latin archaïque et populaire Paulum ferit Petrus, combiné avec celui du latin classique qui était plutôt Petrus Paulum ferit, est sorti peu à peu un troisième tour Petrus ferit Paulum, où le sujet s'est fixé définitivement en tête

tandis qu'entre lui et le complément le verbe occupait la place intermédiaire. (1946:254)

Por esta citação, vemos que o latim arcaico e popular era OVS, que o clássico era preferentemente SOV e que a ordem SVO, como Givôn sugere, é a mais nova e foi precedida pela OVS. Como as línguas românicas são um desenvolvimento do Latim popular, não é de se estranhar que elas sejam predominantemente SVO. Segundo ainda Bourciez, a ordem VSO se manteve mais tempo na Gália:

Toutefois l'ordre archaïque doit s'être maintenu plus longtemps en Gaule qu'ailleurs, [a. fr. Pol fient Pierres] et c'est là ce qui explique en partie que les langues du moyen âge y aient encore connu une sorte de déclinaison. (id. ib.)

É interessante que Bourciez creia que OVS tenha se mantido na Gália, mas não ligue a ocorrência de VS no espanhol à ordem OVS do Latim arcaico e popular. Ao se referir à estrutura da frase no espanhol, ele diz:

Il se manifeste, pour l'ordre des termes adopté en espagnol, une tendance qu'on ne retrouve guère dans les autres langues romanes, et qui consiste à rejeter le sujet derrière le verbe. C'est donc celui-ci qui souvent vient en tête, même dans les phrases principales: Conto el ventero a todos (Cervantes); preguntôle un día su padre (V. Balaguer); vive el hipocampo en el agua, etc. (p. 457)

No entanto, não me parece de espantar que a ordem VS se mantivesse mais tempo na Península Ibérica, uma vez que os estudiosos sempre ressaltaram o caráter conservador dessa região, periférica no Império Romano.

Em resumo, o que resulta dessa pesquisa histórica preliminar é que a ordem VS nas línguas românicas parece bem mais antiga do que SV, o que confirma a hipótese de Givôn. Acredito que

a mudança de VS para SV já estava completa no Português arcaico, mas é possível que em certos casos (como os alistados pelos gramáticos) houvesse ainda flutuação nessa época e os clássicos tenham optado pela ordem VS, fixando-a na língua literária. Na língua oral a evolução é mais evidente, porque certos tipos de oração são nela menos frequentes.

4. Conclusão

Parece claro que a língua portuguesa hoje é predominantemente SV. A ordem VS se mantém em casos especiais, sobretudo em orações marcadas em relação à oração declarativa, afirmativa, neutra. Sua função no discurso está ligada à introdução de elementos novos. O fator surpresa, ou descontinuidade do tópico, está presente na maioria dos casos. Nota-se uma co-ocorrência elevada de certo tipo de verbos com a ordem VS. Pelo exemplo de reanálise encontrado na língua oral contemporânea (orações do tipo "O rádio estragou o ponteiro") a tendência para enquadrar as orações no padrão dominante SVO continua, o que mostra que a tensão VS/SV está viva na língua.

NOTAS

1. Esta é a segunda parte de um trabalho apresentado no VI Encontro Nacional de Linguística, PUC - R.J. 1982, cuja primeira parte foi publicada nos Ensaios de Linguística, Belo Horizonte, UFMG, 1982. Naquele texto eu examinei as regras da gramática para a posposição do sujeito, em seguida um corpus de língua escrita e outro de língua oral, a fim de verificar

se essas regras são atuais. Verifiquei também a frequência de ordem VS em ambas as variedades de língua e esbocei uma explicação funcional para o fenômeno. Quero agradecer a Rosália Dutra a gentil colaboração na remessa do artigo de Givón.

2. O Português tem outras das características que Lehman (1978) arrola como de língua V0: preposições em vez de posposições, modificadores nominais seguindo os nomes, a oração relativa seguindo seu antecedente, e o possuidor seguindo o possuído nas construções genitivas.

3. Tradução da autora.

4. cf. Givón, 1979:77

5. Segundo o que Comrie (1981) propõe, o SN seria sujeito, porque, além da concordância, também a coordenação assim aponta: "Essa casa bate bastante sol e é agradável". O predicativo, nesse caso, refere-se inequivocamente a "essa casa", não a "sol", o que mostra que o sujeito é "essa casa".

REFERENCIAS

- BERMAN, Arlene. On the VSO hypothesis. Linguistic Inquiry, Cambridge, Mass., 5 (1): 1-38, 1974. Apud: NAPOLI, D. J. & RANDO, E. Syntactic argumentation. Washington, D. C., Georgetown University Press, 1979.
- BOLINGER, D. L. Meaningful word order in Spanish. Boletín de Filología, Universidad de Chile, Tomo 8.
- BOURCIEZ, J. Eléments de linguistique romaine. 4ème.ed. Paris, Klincksieck, 1946.
- CLIMENT, Mariano Bassols de . Syntaxis latina. 3a. reimpressão. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1971. Tomos I e II.
- COMRIE, Bernard. Universals and linguistic typology. Chicago, University Press, 1981.
- CONTRERAS, Heles. A theory of word order with special reference to Spanish. Amsterdam, North Holland, 1976.
- CUNHA, Celso. Gramática da língua portuguesa. 3a. ed. Rio, Fename, 1976.
- DIAS, Epiphânio da Silva. Syntaxe histórica portuguesa. 4a. ed. Lisboa, Clássica, 1959.
- FIRBAS, J. On the concept of communicative dynamism in the theory of functional sentence perspective. In: Sbornik Prague Filosofické Faculty Brněnské University, A 19, 1971

- GIVÖN; T. The drift from VSO to SVO in Biblical Hebrew: the pragmatics of tense-aspect. In: LI, C., ed. Mechanisms of syntactic change. Austin, The University of Texas Press, 1977.
- . On understanding grammar. New York, Academic Press, 1979.
- . Topic continuity in discourse: the functional domain of switch reference. MS, July, 1981.
- HETZRON, R. The presentative movement or why the ideal word is V.S.O.P. In: LI, C., ed. Word order and word order change. Austin, The University of Texas Press, 1975.
- LEHMAN, W. P. The Great underlying ground-plans. In: ——— ed. Syntactic typology: studies in the phenomenology of language. Austin, The University of Texas Press, 1978.
- . English: a characteristic SVO language. In: ———, ed. Syntactic typology: studies in the phenomenology of language. Austin, The University of Texas Press, 1978.
- MATTOSO CÂMARA Jr., J. Um caso de colocação. In: ———. Dispersos. Rio, Fundação Getúlio Vargas, 1976.
- MAURER Jr., T. H. O infinito flexionado em português. São Paulo, Nacional, 1968.
- MCCAWLEY, J. English as a VSO language. Language, 46:286-299, 1971.
- NAGEL, Ernest. The structure of science. New York, Harcourt Brace, s.d. (Trad. esp. de MIGUEZ, Nestor. 2a. ed. Buenos Aires, Paidós, 1974).
- NETO, Serafim da Silva. História do latim vulgar. Rio, Acadêmica, 1945.

NUNES, J. J. Compêndio de gramática histórica portuguesa. 4a. ed. Lisboa, Clássica, 1957.

PERINI, M. A. Um aspecto da interpretação do tópico em português. Série Estudos, Uberaba, 1980.

PONTES, Eunice. Da importância do tópico em português. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 5, Rio de Janeiro, 1981. (Comunicação)

———. A problem in teaching first language: topicalization in oral Portuguese. Cadernos de lingüística e teoria da literatura, Belo Horizonte, (5): 40-50, 1981.

———. A ordem VS em português. Cadernos de lingüística e teoria da literatura, Belo Horizonte, (7): 90-137, 1982.

SCHWARTZ, A. Verb anchoring and verb-movement. In: LI, C., ed. Word order and word order change. Austin, The University of Texas Press, 1975.

SILVEIRA BUENO, A formação histórica da língua portuguesa. 2a. ed. Rio, Acadêmica, 1958.

STEELE, Susan. On some factors that affect and effect word order. In: LI, C., ed. Word order and word order change. Austin, The University of Texas Press, 1975.

VASCONCELLOS, J. Leite de. Lições de filologia. 2a. ed. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1926.

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de. Lições de filologia portuguesa. Porto, Ocidente, 1946.